



Hudson Ferreira Lopes

Almirante Sylvio de Camargo: Sua importância para o Brasil durante sua gestão como Comandante Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, no período compreendido entre 1945 e 1956.

Rio de Janeiro - RJ

2019

HUDSON FERREIRA LOPES

**Almirante Sylvio de Camargo: Sua importância para o Brasil durante sua
gestão como Comandante Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, no período
compreendido entre 1945 e 1956.**

Monografia apresentada ao curso de graduação em História,
da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte
dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Renato Luis do Couto Neto e Lemos

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. Renato Lemos, que desde o primeiro contato já demonstrou interesse e entusiasmo, me motivando e mostrando os caminhos que eu deveria seguir para a conclusão deste trabalho. Sua dedicação e orientações seguras foram essenciais para que eu cumprisse esta tarefa com o melhor resultado possível.

A minha querida esposa que me apoiou desde o início do Curso de História, deixando em muitas ocasiões seus interesses de lado, para estar ao meu lado me incentivando.

As minhas filhas, em especial a Renata que me escreveu no ENEM, acreditando no meu potencial para o ingresso no ensino superior, mesmo estando aposentado e a vários anos sem estudar.

Aos meus amigos de faculdade: Dimitrius Senna, Daniel Gomes e Jonathan Franco, por todo apoio, conversas, incentivos e apoio mútuo durante todos os períodos do Curso.

As Instituições que me ajudaram nas pesquisas, em especial ao Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC), Biblioteca do Corpo de Fuzileiros Navais, Departamento do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM) e Museu do Corpo de Fuzileiros Navais.

Aos meus professores do Instituto de História, que me mostraram a beleza de ser Historiador e a sua importância e relevância no cenário nacional.

Quando se houverem acabado
os soldados no mundo, quando
reinar a paz absoluta, que fiquem
pelo menos os Fuzileiros como
exemplo de tudo de belo e
fascinante que eles foram!

(Rachel de Queiroz)

ALMIRANTE SYLVIO DE CAMARGO: SUA IMPORTÂNCIA PARA O BRASIL DURANTE SUA GESTÃO COMO COMANDANTE GERAL DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS, NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE 1945 E 1956.

RESUMO

A história do Corpo de Fuzileiros Navais brasileiro inicia-se em 07 de março de 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa ao Rio de Janeiro, nesses 211 anos ocorreram varias mudanças, tanto no seu efetivo, quanto na sua capacidade operacional. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), observou-se que o emprego de tropas anfíbias lançadas do mar para a terra poderia decidir uma guerra, como foi o caso do desembarque na Normandia – França e os desembarques nas praias do Pacífico. O fim da guerra em 1945 coincide com a nomeação do Almirante Sylvio de Camargo para o cargo de Comandante Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. O presente trabalho tem como finalidade mostrar que houve durante esse comando um ponto de inflexão na história do Corpo de Fuzileiros Navais, principalmente após a construção de um novo Centro de Instrução que hoje leva o seu nome.

Palavras-chave: Corpo de Fuzileiros Navais, Sylvio de Camargo, Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais

ABSTRACT

The history of the Brazilian Marine Corps begins on March 7, 1808 with the arrival of the Portuguese Royal Family in Rio de Janeiro, during these 211 years, several changes, both in its military personnel and in its operational capacity. With the Second World War, it was observed that the use of amphibious troops launched from the sea to land could decide a war, as was the case of the landing in Normandy-France and the landings on the Pacific beaches. The end of the war in 1945 coincides with the appointment of Admiral Sylvio de Camargo as General Commander of the Marine Corps. This paper aims to show that during this command there was a turning point in the history of the Marine Corps, especially after the construction of a new Instruction Center that now bears his name.

Keyword: Marine Corps, Sylvio de Camargo, Brazilian Marine Corps Instruction Center

SUMÁRIO

1. Introdução.....	07
2. Capítulo I - Almirante Sylvio de Camargo	
2.1. Sua trajetória na Marinha do Brasil.....	10
2.2. Condecorações.....	17
2.3. Linha do tempo do Almirante Sylvio de Camargo.....	18
3. Capítulo II – Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo	
3.1. Antecedentes.....	20
3.2. Construção.....	25
3.3. Concurso de anteprojeto.....	31
3.4. A influência norte-americana.....	36
3.5. Os Comandantes.....	43
4. Conclusão.....	45
5. Referências bibliográficas.....	47

1-Introdução

No inicio do século XIX a Europa encontrava-se em guerra. O avanço das tropas de Napoleão pressionava Portugal impondo ao Príncipe Regente, D. João, o dilema de submeter-se ao interesses franceses ou buscar refúgio em território ultramarinho. Embora os europeus, à época, tivessem estabelecido imensas colônias em diversos continentes, nunca um dos seus monarcas tinha ido tão longe, a ponto de cruzar um oceano, com toda a sua Corte, para viver e reinar do outro lado do mundo. Era, portanto, um acontecimento sem precedentes que demandou ao príncipe regente muita audácia e coragem.

Coube a Brigada Real da Marinha, criada em 1797, pela rainha de Portugal D. Maria I, que logo angariou a confiança do Príncipe Regente, a responsabilidade de prover a proteção da Família Real Portuguesa e de sua Corte durante a transmigração para o Brasil, o que fez com sucesso, aportando no Rio de Janeiro em 07 de março de 1808, data considerada o marco zero da história do Corpo de Fuzileiros Navais, pois a Brigada Real da Marinha nunca mais retornou a Portugal.

Eu, a Rainha, faço saber aos que este Alvará com força de lei virem, que tendo-me sido presente os graves inconvenientes, que se seguem, ao meu Real Serviço e a disciplina da Minha Armada Real, e o aumento de despesa que se experimenta por haver três corpos distintos a bordo das naus e outras embarcações de guerra da Minha Armada Real, quais são os Soldados Artilheiros, os Soldados de Infantaria e os Marinheiros (...) Sou servida mandar criar um Corpo de Artilheiros Marinheiros, de Fuzileiros Marinheiros e de Artífices e Lastrador, debaixo da denominação de Brigada Real da Marinha (...) Sendo inútil que tropas de embarque sejam exercidas a grandes manobras e evoluções próprias dos Regimentos do meu Exercito de Terra, e devendo ser própria particularmente para defender as Embarcações de Guerra, e para fazerem algum desembarque, e tentar algum ataque; e sobre objetos análogo a este fim proposto que devem principalmente exercitar-se"¹

¹ Alvará de 28 de agosto de 1797, que cria a Brigada Real da Marinha de Portugal.O original encontra-se arquivado na Torre do Tombo, em Lisboa.

De 1808 até os dias de hoje, o Corpo de Fuzileiros Navais recebeu varias denominações: Batalhão da brigada Real da Marinha (1822), Imperial Brigada de Artilharia da Marinha (1826), Corpo de Artilharia de Marinha (1827), Corpo de Fuzileiros Navais (1847), Batalhão Naval (1852) Corpo de Infantaria de Marinha (1895), voltando a ser denominado Batalhão Naval em 1908, até transformar-se em Regimento Naval, em 1924, e, em 1932, retorna definitivamente à denominação de Corpo de Fuzileiros Navais.

Em 1932, na administração do Ministro da Marinha Almirante Protógenes Pereira Guimarães², foi criado o Corpo de Fuzileiros Navais³, pelo decreto nº 21.106, de 29 de fevereiro. O mesmo decreto estabeleceu a constituição do quadro de oficiais do CFN, o qual seria efetivado por oficiais transferido do Corpo da Armada⁴. Assim foram transferidos para o CFN⁵ os seguintes oficiais do Corpo da Armada: Capitão de Mar e Guerra Augusto Durval de costa Guimarães, Capitão de Fragata Milcíades Portela Ferreira Alves, Capitão de Corveta Artur Freitas Seabra, Capitão de Corveta Antônio de Santa Cruz Abreu, Capitão Tenente Sylvio de Camargo, Capitão Tenente Gilberto Steeple da Silva, Primeiro Tenente Rubens Constante Magalhães Serejo e Primeiro Tenente José Augusto Vieira.

Ainda em 1932, pelo decreto 21.632, era aprovado o regulamento para o Corpo de fuzileiros Navais, listando como uma de suas finalidades a de efetuar operações de desembarque. O efetivo do Corpo foi fixado em 2.594 fuzileiros navais.

2 Ministro da Marinha durante o período de 9 de junho de 1931 a 12 de novembro de 1935.

3 O Corpo de Fuzileiros Navais é uma espécie de Infantaria (princípio militar que executa efetivamente o combate) da Marinha embarcada, que realiza operações anfíbias (do mar para terra) e proporciona a segurança das instalações navais terrestres.

4 O Corpo da Armada é o Corpo que conduz, opera e mantém todos os navios de guerra, de pesquisa e de apoio da Marinha do Brasil e executa funções administrativas e operativas em organizações militares de terra, privativas deste Corpo.

5 Corpo de Fuzileiros Navais

A transferência de quadro do então Capitão Sylvio de Camargo da Armada para o Corpo de Fuzileiros Navais em 1932, acelera as mudanças no CFN, tanto na área operacional quanto na área de ensino, A sua assunção no cargo de Comandante-Geral em 1945, coincide com o ano do fim da Segunda Guerra Mundial, onde as operações anfíbias⁶ foram um instrumento relevante para a consolidação da vitória aliada. Talvez, este tenha sido o ponto de inflexão na história do CFN. O Almirante Sylvio de Camargo pôde perceber o caminho que se abria para aumentar a integração das tropas anfíbias com a Esquadra⁷, criando-se uma demanda operacional para a condução de ações de Fuzileiros Navais junto às Forças Navais, abrindo-se espaço para o crescimento do Corpo, tanto em termos de efetivo, como de seu inventário, arsenal e corpo doutrinário (O ANFÍBIO ano XXV pag.7).

Isto tudo veio a corroborar a necessidade, de criação de uma unidade de ensino, para a preparação, aperfeiçoamento e formação profissional da tropa. Por sua iniciativa e visão de futuro, no dia 28 de dezembro de 1955 foi inaugurada sob a sua batuta, o Centro de Instrução do CFN, hoje com a denominação de Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC).

6 Operações Anfíbias é a expressão genérica que abrange determinadas modalidades de ações que são desencadeadas do mar, por uma Força- Tarefa Anfíbia (ForTarAnf), contra uma costa hostil, ou potencialmente hostil, podendo ser em favor de forças amigas, localizadas em uma costa inimiga que necessitem ser evacuadas.

7 Conjunto de navios de guerra.

2. Capítulo I - Almirante Sylvio de Camargo

2.1 – Sua trajetória na Marinha do Brasil

Sylvio de Camargo nasceu em Santa Rita do Sapucaí – MG, em 16 de fevereiro de 1902, filhos dos professores João Batista de Oliveira Camargo e Amélia de Almeida Camargo, Sua carreira militar teve início em 1919, ao se matricular na Escola Naval, então sediada em Angra dos Reis. Em 1922 foi nomeado Guarda-Marinha, realizando a viagem de instrução no Navio-Escola Benjamim Constant. Como Segundo-Tenente da Armada, apresentou-se para servir no Encouraçado Minas Gerais, o capitânia da Esquadra, onde permaneceu até o ano de 1924. Durante esse período, o navio tomou parte nas ações destinadas a prestar apoio às forças legalistas de São Paulo contra as guarnições federais revoltosas⁸, e, para tanto, o encouraçado permaneceu no Porto de Santos, enquanto o então tenente Sylvio de Camargo atuava em terra realizando operações de inteligência.

Este evento influenciou toda a sua carreira, pois lhe permitiu travar contato, pela primeira vez, com uma tropa de Fuzileiros Navais. Observou, então, que apesar da disciplina e da dedicação desses militares, faltava-lhes conhecimento profissional adequado. Além disto, percebeu que a própria Marinha não dispunha de uma doutrina firmada para o emprego de forças em ambiente terrestre. Essas constatações fizeram com que ele abraçasse, desde cedo e permanentemente, a causa da busca do aprimoramento profissional dos Fuzileiros Navais.

Em 4 de novembro de 1924, oficiais e praças de seu navio se sublevaram em solidariedade ao Encouraçado São Paulo⁹, em decorrência disso e por ser ele o oficial de Serviço no dia, foi preso e posto à disposição do Ministro da Marinha por conspiração contra o regime. Apesar de preso foi promovido a Primeiro-Tenente, em 12 do mesmo mês. Cumpriu, ao todo, dois anos e cinco meses de detenção no Quartel do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, na Ilha do Bom Jesus e na Fortaleza de Santa Cruz, tendo sido libertado pelo Alvará de Soltura de 8 de abril de 1927, da 1ª Auditoria de Marinha (O ANFÍBIO, 2005, Pag. 04)

⁸ Os "Movimentos Tenentistas", também conhecidos como "Tenentismo", foram uma série de revoltas durante a década de 1920 lideradas por oficiais do exército de baixa patente

⁹ Em novembro de 1924 o 1ºTEN Herculino Cascardo liderou na baía da Guanabara a sublevação do couraçado São Paulo. A intenção dos revoltosos era de se juntar aos rebeldes gaúchos que se haviam sublevado contra o governo federal no mês anterior, sob a liderança de Luís Carlos Prestes. Após rumar para o sul do país com esse objetivo, o São Paulo não conseguiu aportar no litoral gaúcho devido a problemas climáticos. Sem víveres para continuar a luta, os revoltosos dirigiram-se para o Uruguai, onde se exilararam (A Era Vargas: dos anos 20 a 1945, cpdoc.fgv.br).

Em 1929, foi promovido, por antiguidade, ao posto de Capitão-Tenente, quando servia embarcado no Cruzador Rio Grande do Sul. Com a investidura do novo governo, em 1930¹⁰, e a assunção do novo Ministro da Marinha, Almirante Protógenes Guimarães, ocorreu a anistia do pessoal envolvido na sublevação política, acarretando na retroação de sua promoção e passando a ter a antiguidade contada a partir de 23 de agosto de 1928.

Quando servia na Diretoria de Navegação, aceitou o convite para servir no Regimento Naval, sob as ordens do Capitão-de-Fragata Augusto Durval da Costa Guimarães, apesar de, também, ter sido convidado para ser ajudante de ordem do novo Ministro da Marinha. Esta escolha, sem dúvida, deveu-se à simpatia que já nutria pelos Fuzileiros Navais, desde a experiência vivida por ocasião de sua missão em São Paulo.

Neste período, os Fuzileiros Navais foram enviados para Cidade de Campos, São Paulo e Santa Catarina, com o propósito de deter as ações revolucionárias que vinham sendo desencadeadas contra o governo. No entanto estas tropas foram empregadas sem uma missão específica e sem estrutura organizacional adequada, ficando à mercê das unidades do Exército Brasileiro locais. A esta experiência vivenciada, Sylvio de Camargo somou suas observações pessoais decorrente do convívio diário com os Fuzileiros Navais, haja vista que residia em quartel, ocupando a casa que lhe competia.

Sendo a terceira pessoa da hierarquia do Regimento e incumbido de, praticamente, toda a atividade executiva da unidade, obteve um aprofundado conhecimento das condições e motivações da tropa, o que lhe permitiu mais uma vez obter a clara percepção tanto do valor, do patriotismo e do espírito de corpo dos fuzileiros, quanto das deficiências relativas ao nível de escolaridade e preparo profissional. Entendeu que uma das possíveis causas para este despreparo residia na falta de um quadro de oficiais devidamente formados como Fuzileiros Navais. Propôs, então, medidas para contornar tal situação, assim como para melhorar o padrão de instrução dos subalternos.

10 Em 1930 teve início o movimento político-militar que determinou o fim da Primeira República (1889-1930) originou-se da união entre os políticos e tenentes que foram derrotados nas eleições deste ano e decidiram pôr fim ao sistema oligárquico através das armas. O presidente Washington Luís recebeu um ultimato de um grupo de oficiais-generais, liderados por Augusto Tasso Fragoso. Uma junta militar é formada e passa o poder para Getúlio Vargas (cpdoc.fgv.br, Revolução de 1930).

Nomeado em abril de 1931, para comandar a Torpedeira Goiás, recebeu ao ser desligado, do Regimento Naval o seguinte elogio do Comandante Durval Guimarães:

"No desempenho de suas funções em momento de reorganização por que passa este Regimento, esse oficial deu as mais cabais provas de inteligência, tino administrativo, energia e patriotismo e, sobretudo, um grande interesse pela elevação moral deste Regimento, e em seu esforço fora do comum pelo bem-estar da tropa e tudo quanto concerne à parte material deste Regimento. Elogio-o, portanto, pelo trabalho que produziu e que é um testemunho dos predicados militares e morais e que o recomendam à estima e à gratidão deste Regimento"

Em julho de 1931, teve o seu comando interrompido ao ser designado pelo Ministro da Marinha para servir em seu Gabinete e como oficial de ligação com o Gabinete do Ministro da Guerra. Foi transferido, no final do ano de 1932, para o Quadro de Oficiais do CFN, em decorrência da aprovação do Regulamento para o Corpo de Fuzileiros Navais, continuando, porém, a exercer a função de oficial de ligação, No desempenho dessa função, participou como observador, das ações dos Fuzileiros Navais durante a revolução de 1932¹¹ (O ANFÍBIO Ano XXV pag.5).

Com a criação do Quadro de Oficiais Fuzileiros navais, fez-se necessária a realização de um Curso de qualificação para os oficiais que optaram pelo o Quadro de Fuzileiros Navais. Este Curso era realizado na então Escola das Armas do Exército (hoje Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército) como cláusula de acesso para a promoção a Oficial Superior.

11 Revolução Constitucionalista de 1932, também conhecida como Revolução de 1932 ou Guerra Paulista, foi o movimento armado ocorrido nos estados de São Paulo, entre julho e outubro de 1932. Na perspectiva historiográfica, as interpretações sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 orientaram-se fundamentalmente por duas versões dos acontecimentos: a versão getulista e aquela elaborada pela oligarquia paulista. Na primeira versão, a Revolução de 1932 foi caracterizada como um movimento ilegítimo, a que havia sido atirada a população paulista, sob a liderança dos políticos decaídos com a Revolução de 1930, que pretendiam restaurar o passado e recuperar as posições perdidas, quer através do que se denominava "prussianização" do Brasil, com a hegemonia paulista, quer através do separatismo. Já a versão da oligarquia paulista batia insistentemente na tecla da reforma política como motivação da luta, enfatizando a resistência heróica contra a ditadura e o embate pela instauração da ordem legal e das liberdades democráticas fundamentais (Revolução de 1932, DHBB do CPDOC-FGV)

Em 18 de janeiro de 1934, foi promovido ao posto de Capitão-de-Corveta, neste período, realizou um estágio de quatro meses no Royal Marine Corps¹², na Inglaterra. Retornando ao Brasil, assumiu como encarregado do Pessoal do CFN, localizado até hoje na Ilha das Cobras¹³. Como Oficial de Pessoal procurou dirigir seus esforço para o adestramento e para a instrução, de maneira a reduzir a falta de preparo da tropa. Ficou no Comando até 1936, quando foi desligado para cursar a Escola de Guerra Naval. Pelo seu excelente desempenho como aluno, sendo o primeiro colocado em sua turma, foi convidado para servir na Escola como instrutor.

Retorna ao CFN em 1939, quando reassume como Encarregado do Pessoal. Neste período, até o ano seguinte, assume de forma interina o Comando do Corpo de Fuzileiros Navais.

Foi promovido em 1940 ao posto de Capitão-de-Fragata (FN), recebendo a importante tarefa de elaborar um novo regulamento para o Corpo de Fuzileiros Navais. Em outubro deste mesmo ano, foi nomeado subchefe do Estado-Maior do Corpo de Fuzileiros Navais.

A esta época, dois principais objetivos norteavam seus esforços para a melhoria do nível de preparo dos Fuzileiros Navais: um deles voltado para a formação do pessoal e o outro, para a obtenção de novas áreas para treinamento e aquartelamento da tropa.

Com relação às áreas para treinamento, era nítido que o aquartelamento na Ilha das Cobras, com todas as suas restrições, não se prestava ao adestramento, que demandava uma área bem mais ampla onde se pudessem realizar exercícios com tropa no terreno. A área inicialmente pleiteada pertencia ao Centro de Aviação Naval, no Galeão, e tinha as vantagens de já ser patrimônio da Marinha e de ser bastante ampla. Porém, com a criação do Ministério da Aeronáutica, tal terreno foi incluído em seu acervo patrimonial.

Uma outra área passou a ser estudada, também pertencente à Marinha. Localizava-se no fundo da Baía de Guanabara, sendo conhecida como Sítio da Batalha. No entanto, suas características físicas limitavam seu completo aproveitamento. Optou-se, então, pela aquisição de sítios existentes no extremo nordeste da Ilha do Governador.

12 Fuzileiros Navais do Reino Unido.

13 A Ilha das Cobras fica no interior da Baía de Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro.

Em 21 de junho de 1943 foi nomeado Chefe-do-Estado-Maior do CFN e promovido ao posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra, mantendo os mesmos rumos das atividades empreendidas e a mesma determinação de buscar solução para o problema da deficiência na formação profissional da tropa. A solução vislumbrada, então, era a construção de um centro de instrução. Contudo, esta empreitada esbarrava na falta de recursos para a construção das instalações exigidas.

Em 8 de novembro de 1945 foi promovido ao posto de Contra-Almirante e nomeado Comandante-Geral do CFN, assumindo o cargo em 17 de novembro. Certamente, para a felicidade e sucesso do Corpo de Fuzileiros Navais, não foi em vão que o destino fez coincidir a sua assunção no cargo de Comandante-Geral com o ano do fim da Segunda Guerra Mundial. A Segunda Guerra Mundial exerceu uma forte influência nas Forças Armadas em todo planeta. No Brasil essa influência atingiu diretamente o CFN, pois nessa época não havia uma mentalidade operacional de uso do Fuzileiro Naval junto com a Esquadra. Este período pode ter sido o ponto de inflexão na história do Corpo de Fuzileiros Navais. Isto se explica pelo fato de a vitória aliada na guerra e, particularmente, a vitória dos EUA no teatro do Pacífico servirem para consolidar a doutrina militar ocidental de então. No que tange ao emprego de Fuzileiros Navais, ficou comprovada a importância da condução de Operações Anfíbias em proveito de campanhas navais. Criou-se, a partir de então, o paradigma de atuação para as tropas do CFN, não mais voltadas para as operações terrestres, similares às de Exército, e nem meramente aos serviços de guarda. Os Fuzileiros Navais passaram a ter uma tarefa especificamente voltada para as ações da Esquadra, operando em terra, mas sempre a partir do mar. Graças ao descritivo, característica inerente aos grandes líderes, o Almirante Camargo pôde perceber o caminho que se abria para aumentar a integração das tropas anfíbias com a Esquadra. Criando-se uma demanda operacional para a condução de ações de Fuzileiros Navais junto às Forças Navais, abrir-se-ia espaço para o crescimento do Corpo, tanto em termos de efetivo, como de seu inventário, arsenal e corpo doutrinário. Isto tudo, no entanto, servia para ressaltar a necessidade de se aperfeiçoar a formação profissional da tropa. Com relação especificamente à divulgação da nova doutrina, contou o Comandante-Geral com a contribuição de seu assessor Fuzileiro Naval dos Estados Unidos, membro da

Missão Naval Americana¹⁴, bem como com a disponibilidade de cursos para oficiais brasileiros nas escolas de fuzileiros nos EUA.

O Almirante Camargo passa, então, a conduzir pessoalmente as atividades mais importantes atribuídas ao Corpo de Fuzileiros Navais, sendo nomeado, em junho de 1948, para presidir o grupo de trabalho destinado a planejar as futuras instalações do Campo da Ilha do Governador.

A esse tempo, preocupado com a necessidade de obtenção de verbas para a construção do centro visualizado, buscou apoio junto a congressistas, bem como de outras personalidades políticas influentes, para a concessão de um reforço de verba destinado ao Ministério da Marinha, especificamente para a “construção do Centro de InSTRUÇÃO do Corpo de Fuzileiros Navais”, no que veio a lograr o tão esperado êxito.

As sucessivas trocas dos titulares do Ministério da Marinha dificultaram sobremaneira a condução dos trabalhos pelo grupo, dando oportunidade para o surgimento de outras propostas para a ocupação do terreno na Ilha do Governador. Pensou-se, à época, na construção de uma base de contratorpedeiros ou um cais de minério.

Com o intuito de se evitar solução de continuidade no andamento dos importantes projetos envolvendo o Corpo de Fuzileiros Navais e devido à necessidade flagrante de se ter à frente deles um oficial general que conciliasse o necessário conhecimento profissional com a abnegação na perseguição das metas estabelecidas, a Administração Naval decidiu pela criação do posto de Vice-Almirante, no quadro de oficiais Fuzileiros Navais, vindo o Almirante Camargo a ser promovido em 17 de novembro de 1949.

Como Vice-Almirante pôde intensificar seus esforços para a construção do Centro de InSTRUÇÃO do Corpo de Fuzileiros Navais. Passou a acompanhar pessoalmente as obras na Ilha do Governador e não raramente apresentava sugestões para superação de problemas junto aos engenheiros responsáveis. Seu empenho pessoal na condução desse projeto sofreu um grande golpe quando da perda de seu filho mais velho, o Segundo-Tenente da Força Aérea Brasileira Sylvio de Camargo Filho, em acidente aéreo. No entanto, sua reação, contrariando as

14 A Missão Naval Americana atuou de forma ininterrupta de 1922 ao primeiro semestre de 1931. Devido às dificuldades financeiras por parte do Brasil, foi interrompida, sendo retomada em 1932 e indo até 1942, quando foi novamente descontinuada devido aos Estados Unidos terem entrado na Segunda Guerra Mundial. Em 1947, foi retomada seguindo até 1977, quando foi encerrada (CABRAL, R. Pereira – SARRO, Thiago MISSÃO NAVAL AMERICANA: OS PRIMEIROS 20 ANOS (1922-1942).

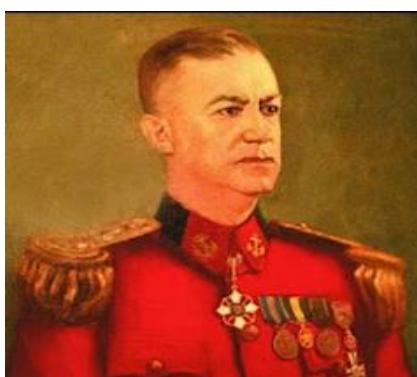
expectativas, foi de uma maior dedicação ao trabalho, talvez como forma de compensar a grande perda sofrida.

Todo esse esforço, porém, não foi em vão. Em dezembro de 1955, o Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais foi inaugurado em cerimônia que contou com a presença de todos os chefes navais da ativa sediados no Rio de Janeiro, bem como dos vários ex-ministros da Marinha que tiveram envolvimento no empreendimento, e teve como principal homenageado o VAlte (FN) Sylvio de Camargo. Justa homenagem àquele que dedicou sua vida ao aprimoramento do preparo profissional dos Fuzileiros Navais e que concebeu e transformou em realidade o sonho de prover o Corpo de Fuzileiros Navais com um centro de instrução, no qual a doutrina anfíbia pudesse se desenvolver e se consolidar.

Embora contra o pensamento de seus pares na Marinha, bem como os desejos da grande maioria da oficialidade do Corpo de Fuzileiros Navais, o Almirante Camargo deu entrada em seu pedido de passagem para a reserva a 22 de dezembro de 1955, reiterando-o mediante carta pessoal dirigida ao Ministro da Marinha, datada de 12 de janeiro de 1956, foi transferido para inatividade e promovido ao posto de Almirante de Esquadra (FN) na reserva remunerada por decreto de 24 de janeiro de 1956, posteriormente retificando para a promoção ao posto de Almirante. Com as platinas de Almirante cinco estrelas, passou em 1º de fevereiro, ao Vice-Almirante (FN) Rubens Constant de Magalhães Serejo, o cargo de Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais.

O Almirante (FN) Sylvio de Camargo faleceu no dia 1º de dezembro de 1989. Como forma de homenagem e reconhecimento à sua dedicação e esforço para a criação do Centro de Instrução, este passou a denominar-se Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, em cerimônia presidida pelo então Ministro da Marinha, Almirante-de-Esquadra Henrique Sabóia, no dia 16 de fevereiro de 1990.

Figura 1– Almirante Sylvio de Camargo



2.2 - Condecorações

O Alte Camargo recebeu as seguintes Medalhas e Condecorações:

- Grande Oficial da Ordem do Mérito Naval
- Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar;
- Medalha Militar de Ouro;
- Medalha Naval de Serviços Distintos;
- Medalha de Serviços de Guerra sem estrelas;
- Medalha Comemorativa do Cinqucentenário da Proclamação da República;
- Medalha Comemorativa do Centenário do Nascimento de Rui Barbosa;
- Medalha do Pacificador;
- Medalha de Maria Quitéria;
- Medalha Comemorativa do Centenário do Nascimento do Mal. Caetano de Faria;
- Medalha Mal. Souza Aguiar;
- Medalha Mal. Gregório Thaumaturgo de Azevedo;
- Medalha Mal. Hermes;
- Grande Oficial da Ordem Leopoldo III (Bélgica);
- Comendador da Legião do Mérito (EUA);
- Comendador da Ordem da Estrela Negra (França);
- Cavaleiro da Cruz de 2a Classe da Ordem do Mérito Naval (Espanha);
- Ordem de Juan Pablo Duarte (Rep. Dominicana).

2.3 - Linha do tempo do Almirante Sylvio de Camargo

1. 1902 - Nasceu em Santa Rita do Sapucaí (MG);
2. 1919 - Ingressou na Marinha como Aspirante;
3. 1922 - Viagem de instrução (Navio Escola Benjamin Constant);
4. 1922 - Promovido a 2ºTen (Embarque no Couraçado Minas Gerais);
5. 1924 - Promovido a 1ºTen;
6. 1928 - Embarque no Cruzador Barroso;
7. 1929 - Promovido a Capitão-Tenente;
8. 1929 - Casa-se com Zélia Brandão;
9. 1930 - Embarque na Diretoria de Navegação;
10. 1931 - Embarque no Regimento Naval (Diretoria de Pessoal);
11. 1931 - Nomeado Comandante da Torpedeira Goyaz;
12. 1932 - Designado para servir no Gabinete do Ministério da Marinha;
13. 1933 - Mudança de Quadro (Transferido para o CFN);
14. 1934 - Promovido a Capitão de Corveta;
15. 1934 - Estágio no Marine Corps (Inglaterra);
16. 1935 - Encarregado do Pessoal do CFN (Interino);
17. 1935 - Participou dos combates aos rebeldes comunistas na Praia Vermelha;
18. 1936 - Curso de Comando (EGN);
19. 1937 - Designado para servir na EGN (Auxiliar de Ensino);
20. 1939 - Designado Encarregado de Pessoal do CFN;
21. 1939 - Agraciado com a Medalha Militar de Bronze;
22. 1940 - Promovido a Capitão de Fragata;
23. 1940 - Designado a Subchefe do Estado Maior do CFN;
24. 1940 - Agraciado com a Medalha de Prata Comemorativa ao Cinquentenário da República;
25. 1943 - Designado Chefe do Estado maior do CFN;
26. 1943 - Promovido a Capitão de Mar e Guerra;
27. 1943 - Agraciado com a Medalha Militar de Prata;
28. 1945 - Promovido a Contra-Almirante;
29. 1945 - Designado a Comandante Geral do CFN;
30. 1945 - Agraciado com a Medalha Ordem do Mérito Naval;
31. 1947 - Agraciado com a Medalha Mérito Naval de Guerra;

32. 1948 - Designado para a Comissão de Planejamento do campo de Instrução da Ilha do Governador;
33. 1948 - Agraciado com a Medalha Ordem do Mérito Juan Pablo Duarte (República Republicana);
34. 1949 - Agraciado com a Medalha Militar de Ouro;
35. 1949 - Promovido a Vice-Almirante;
36. 1952 - Visita ao USMC;
37. 1952 - Agraciado com a Medalha Legião do Mérito (USA);
38. 1953 - Condecorado com a Ordem da Estrela Negra (França);
39. 1954 - Condecorado como Grande Oficial da Ordem Leopoldo II (Bélgica);
40. 1954 - Agraciado com a Ordem do Mérito Militar;
41. 1954 - Agraciado com a Medalha do Pacificador;
42. 1954 - Agraciado com a Medalha Maria Quitéria;
43. 1954 - Agraciado com a Medalha Comemorativa do Centenário do Nascimento do Marechal Caetano de Faria;
44. 1955 - Agraciado com a Medalha Marechal Souza Aguiar;
45. 1955 - Agraciado com a Medalha Marechal Taumaturgo de Azevedo;
46. 1955 - Agraciado com a Medalha Marechal Hermes;
47. 1956 - Agraciado com a Medalha Naval de Serviço Distintos;
48. 1956 - Promovido a Almirante de Esquadra;
49. 1956 - Passou o Comando do CFN;
50. 1956 - Passou para a Reserva Remunerada.

Nota: Informações sobre as condecorações e linha do tempo foram extraídas da Caderneta Registro do Almirante Sylvio de Camargo (CR).

3. Capítulo II - Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo

3.1 - Antecedentes

Os duzentos e onze anos de trajetória do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) demonstram uma notável evolução na sua organização, na diversificação e na qualidade dos seus materiais e, também, no preparo do seu pessoal para o combate. A instrução, no âmbito do CFN, alcançou níveis de excelência difíceis de serem imaginados no passado, em decorrência de um trabalho contínuo e dedicado de gerações que se sucederam, desde a instalação do Corpo de Marinheiros Fuzileiros na Fortaleza de São José, em 21 de março de 1809. No curso dessa evolução, dois eventos constituíram-se nos marcos históricos transformadores do preparo do Fuzileiro Naval: o Decreto nº 21.106, de 29 de fevereiro de 1932, e a inauguração do então Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais (CICFN), em 1955. O Decreto nº 21.106/32 criou o Corpo de Fuzileiros Navais em substituição ao Regimento Naval, dando origem aos Regulamentos de 1932 e de 1934 que instituíram, pela primeira vez, um corpo próprio de Oficiais, ainda que de origens diversas, e uma Companhia Escola na sua estrutura organizacional. O Centro de Instrução, por seu turno, foi criado pelo Decreto nº 38.360, de 22 de dezembro de 1955, e inaugurado em 28 de dezembro daquele ano, facultando aos Fuzileiros Navais uma área apropriada para a instrução, livre das restrições impostas pelos muros da Fortaleza de São José.

No século XIX, instrução e adestramento se confundiam, posto que não existia uma doutrina própria e tampouco uma estrutura de ensino. O Corpo de Marinheiros Fuzileiros estava constituído e organizado à semelhança dos Corpos de Infantaria do Exército, inclusive no que se referia à sua administração e à sua instrução. À época, no lugar de manuais, eram os regulamentos que explicitavam os conteúdos que deviam ser do conhecimento e da prática dos combatentes.

Exemplificando, o regulamento em vigor no início do século XIX determinava que se instruíssem os recrutas a carregar os seus mosquetes, no caso de bala de chumbo forçada, “deitando-se pólvora ao cano, colocando-se um parche untado sobre a boca, à bala por cima, dando-lhe uma forte pancada com o macete a fim de adaptá-la ao cano, calcando-a em seguida com a vareta a força de pancadas de macete até encostá-la na pólvora. Em uma época em que os claros do efetivo autorizado por lei eram preenchidos por meio de recrutamento forçado e que a taxa

de analfabetismo entre os brasileiros era de 82,3%² , o nível de instrução da tropa era extremamente baixo, com reflexos, no mínimo, curiosos quanto ao conteúdo da instrução.

Essa tropa, ainda que inculta, era coesa e determinada, sendo, por consequência, muito bem considerada pelos governantes da época, fato que levou o Ministro da Marinha, Almirante Joaquim José Monteiro Torres, a assinar um Decreto em 21 de abril de 1821, quando do regresso da Família Real para Portugal, “deixando no Brasil o Corpo de Marinheiros Fuzileiros ao serviço do novo governo, por tratar-se de força disciplinada e de confiança”. Uma semana antes da Independência, o Príncipe Regente D. Pedro, por meio da Provisão de 31 de agosto de 1822, deu nova organização ao Corpo de Marinheiros Fuzileiros, transformando-o em Corpo de Artilharia da Marinha, por considerar que prestava relevantes serviços ao governo. Até o ano de 1932 o CFN recebeu outras denominações (O ANFÍBIO, 2015, Pag. 79)

A simbiose entre a instrução e o adestramento, as restrições impostas pela área da Fortaleza à sua realização e a disseminação, por meio de regulamentos ou de circulares, das técnicas a serem empregadas pela tropa, perduraram até o final do século XIX. Em 1904, o Ministro Júlio Cesar de Noronha introduziu importantes reformas na Marinha, no contexto de um amplo Programa Naval que reorganizou todos os seus setores. Este programa levou em consideração diversas medidas propostas pelo então Comandante do Corpo, Capitão de Fragata Francisco José Marques da Rocha, dentre as quais “autorizar por meio das leis indispensáveis o acesso das Praças aos postos de Oficiais; e estabelecer a Escola Regimental a cargo de Oficiais subalternos remunerados”. Foi a primeira referência programática a um setor dedicado exclusivamente ao Ensino no CFN.

O primeiro grande marco histórico para o CFN na área do Ensino, contudo, ocorreu apenas em 1932, com o Decreto nº 21.106, de 29 de fevereiro, de iniciativa do Almirante Protógenes Pereira Guimarães, Ministro da Marinha e ex-Comandante, por três vezes, do Batalhão Naval. Este decreto criou, definitivamente, o Corpo de Fuzileiros Navais em substituição ao Regimento Naval, dando origem, sucessivamente, ao Regulamento publicado por meio do Decreto nº 21.632/32 e aos Regulamentos de 1934 e 1940, todos de consequências notáveis para a área da instrução: a primeira menção sobre a finalidade de realizar Operações de Desembarque; a criação de uma Companhia Escola, incumbida de formar os Soldados Fuzileiros Navais; e a constituição inicial de um quadro de Oficiais próprio

para o CFN, “permitindo a transferência, a juízo do governo, do Corpo da Armada para o Corpo de Fuzileiros Navais”, inicialmente por transferência e logo depois por admissão, foi decisivo para o Corpo de Fuzileiros Navais, porque a partir da sua existência é que se formou a massa crítica indispensável para a transformação do CFN rumo à modernidade. Neste processo, logo ao seu início, despontaram líderes de grande descortino que, de pronto, identificaram ser a Instrução uma ferramenta essencial para tal mudança. Dentre eles, destacava-se o então Comandante Sylvio de Camargo, transferido em 1933 do Corpo da Armada para o Corpo de Fuzileiros Navais quando Capitão-Tenente, promovido a Capitão de Corveta em 18 de janeiro de 1934, e que assumiu a função de Encarregado de Pessoal do CFN em 28 de março de 1935 (O ANFÍBIO, 2015, Pag.81).

Até o final da década de quarenta, o CFN era atendido por um grupo de professores e de instrutores constituído por Oficiais de Marinha, da Reserva e Reformados, por alguns Oficiais da Ativa do Corpo da Armada e por Oficiais da Ativa do Exército Brasileiro destacados. A Criação do Centro de Instrução pelo Decreto nº 24.699, de 1934, determinava que “o Corpo de Fuzileiros Navais será organizado, instruído, e posto em ação segundo os regulamentos do Exército, sobre organização de unidade, instrução, combate (...).” Seu Art. 33 estabelecia que “os Oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais serão formados na Escola Naval, em um curso feito em conjunto com os Aspirantes de Marinha, em que se substituem as matérias técnicas para os Oficiais da Armada, por matérias relativas à especialidade do Corpo de Fuzileiros Navais” e que “o programa deste curso será organizado pela Diretoria do Ensino Naval, e nele haverá as seguintes matérias, ministradas por Oficiais do Exército ou do Corpo de Fuzileiros Navais: Tática Geral, Tática de Infantaria, Armamento de Infantaria, Transmissões, Organização da Instrução e Pedagogia Militar e Organização do Terreno”. A participação de Oficiais e Praças nos cursos da Escola das Armas do Exército, futura Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), e da Escola de Sargentos de Infantaria (ESI), principais instrumentos de aperfeiçoamento profissional deste período, vinculavam mais ainda o pensamento do Fuzileiro Naval à doutrina do Exército. Na segunda metade da década de quarenta, a aproximação do Brasil com os Estados Unidos em decorrência da participação na Segunda Grande Guerra causou reflexos importantes na Marinha do Brasil e no Corpo de Fuzileiros Navais. Era o início de uma forte influência da doutrina anfíbia americana que restou demonstrada no Art. 1º do Regulamento de 1950, que definiu o CFN como “uma Força de que dispõe a Marinha de Guerra para

operar com as Forças Navais e as demais Forças em operações de caráter naval, com a responsabilidade principal no desenvolvimento da doutrina, da tática e do material de Operações Anfíbias”.

A Marinha do Brasil, em consequência desta forte influência, passou por profundas modificações organizacionais, dentre as quais a criação da Força de Transporte, com a aquisição de quatro navios transporte de tropas e de Embarcações de Desembarque de Viaturas e Pessoal (EDVP). A Força de Transporte da Marinha constituiu-se no instrumento que permitiu concretizar a prática operativa de natureza anfíbia aos conhecimentos doutrinário-teóricos que os Fuzileiros Navais obtinham em cursos iniciados neste mister, no país e no exterior. Os Oficiais passaram a realizar cursos no United States Marine Corps¹⁵ (USMC) e no Royal Marine Corps, além do Exército Brasileiro. As Praças cursavam no Exército e realizavam cursos internos. Os manuais utilizados eram oriundos da bibliografia do Exército e de traduções dos manuais norte-americanos. As instruções eram ministradas em áreas limitadas e os exercícios realizados por curtos períodos em locais como a Barra da Tijuca, a Baía da Ilha Grande e Gericinó.

Urgia a obtenção de uma área para o aquartelamento e para a instrução da tropa, necessidade há muito identificada pelo então Comandante Sylvio de Camargo, “desde o início de sua vivência com a tropa aquartelada na Ilha das Cobras, com todas as servidões decorrentes das condições existentes, percebeu que seria imprescindível, dentre outras medidas, a transposição dos limites daquele aquartelamento”.

Tal convicção, construída ao longo de significativa parte da sua carreira e impulsionada pelo quadro de transformações vivenciadas naquela conjuntura, teve a oportunidade de redundar em atitudes decisivas graças, primeiro, a sua nomeação como Chefe do Estado-Maior do CFN, em 21 de junho de 1943, e, depois, a sua assunção, em 17 de novembro de 1945, no cargo de Comandante-Geral, já promovido ao posto de Contra-Almirante (FN). No exercício destes elevados cargos, o Almirante Sylvio de Camargo dedicou-se pessoalmente ao projeto da construção do futuro Centro de Instrução (O ANFÍBIO, 2015, Pag.83).

15 Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

A Ilha do Governador surgiu como um local favorável para a empreitada, tendo em vista a existência de áreas da União sob a administração da Marinha do Brasil. Dentre as áreas inicialmente consideradas estava a Fazenda de São Bento, que se estendia de norte a sul da Ilha, uma outra área sob a guarda da então Diretoria de Comunicações da Marinha e uma área, então ociosa, que englobava o Bananal e a Praia Grande, que terminou sendo escolhida.

Figura 2 – Ilha do Governador – década de 1940



Em que pese o fato de que parte do terreno já fosse propriedade da União, foram necessárias diversas desapropriações com o propósito de se criar uma área contínua na dimensão apropriada ao fim a que se destinava. Tais desapropriações, em sua grande maioria, se deram entre 1941 e 1945 e, em 1948, a área foi entregue ao Corpo de Fuzileiros Navais. O Ministro da Marinha, Almirante Sylvio de Noronha, baixou o Aviso Ministerial nº 1513, de 29 de junho, nomeando o Almirante Sylvio de Camargo para a presidência de um Grupo de Trabalho que iria “planejar as futuras instalações do Campo da Ilha do Governador”, com a orientação, dada por um segundo Aviso Ministerial, de nº 1515, de contemplar “quartéis destinados às 1^a, 2^a e 3^a Unidades de Desembarque (a serem criadas), um quartel para Artilharia e um Centro de Instrução”. O futuro Centro de Instrução era, contudo, a prioridade, e para viabilizá-lo o Almirante Sylvio de Camargo empreendeu gestões contínuas junto à Alta Administração Naval e mesmo fora da Marinha visando angariar os recursos necessários. De imediato, os diversos cursos passaram a realizar os seus exercícios

e as suas atividades práticas no terreno recém-recebido e, paralelamente, foram iniciados trabalhos de terraplanagem, de aterros e de demarcação de arruamentos.

3.2 - Construção

A Diretoria de Engenharia da Marinha lançou, em 1950, um concurso de âmbito nacional para escolher o projeto do futuro Centro, quando se apresentaram dezesseis concorrentes. Dentre as propostas, foi escolhida a elaborada pelos arquitetos Roberto Nadalutti e Oscar Valdetaro, de linhas arquitetônicas arrojadas e modernas (característica marcante das edificações até os dias de hoje). A semelhança dos traços arquitetônicos do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC) com as obras de Oscar Niemeyer¹⁶ se explica pelo fato dos dois autores do projeto terem desenvolvido diversos trabalhos para o arquiteto em seu início de carreira.

Em 1951, os terrenos desapropriados foram entregues definitivamente para o Ministério da Marinha por meio de um Mandado de Imissão de Posse da 3ª Vara de Fazenda Pública.

Os recursos para as necessárias obras, porém, ainda não estavam disponíveis, visto que o orçamento da Marinha não comportaria tal investimento. A oportunidade surgiu quando o Ministro da Marinha, Almirante Renato Guilhobel¹⁷, viabilizou junto a Câmara de Deputados, por meio do Deputado Gustavo Capanema, recursos para um amplo projeto de reforma da Força, que visava à construção de bases navais e a aquisição de meios flutuantes. A Lei nº 1383, de junho de 1951, assegurou, então, os recursos para a concretização do acalentado sonho da construção do Centro. Como a Lei previa a disponibilização financeira apenas a partir de 01 de janeiro de 1952, um empréstimo junto ao Banco do Brasil permitiu que a obra se iniciasse ainda em 1951.

Em 28 de dezembro de 1955 era inaugurado o Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais, o CICFN, com a presença de autoridades nacionais e estrangeiras, além da primeira turma de Guardas-Marinha (FN) da Escola Naval que iria realizar seu futuro estágio pós-curso já no novo estabelecimento.

16 Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho (15 de dezembro de 1907 – 5 de dezembro de 2012) foi um arquiteto brasileiro, considerado uma das figuras-chave no desenvolvimento da arquitetura moderna. Niemeyer foi mais conhecido pelos projetos de edifícios cívicos para Brasília, uma cidade planejada que se tornou a capital do Brasil em 1960, bem como por sua colaboração no grupo de arquitetos indicados pelos Estados-membros da ONU que projetaram a sede das Nações Unidas em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

17 Foi ministro da Marinha do Brasil, de 1 de fevereiro de 1951 a 25 de agosto de 1954.

Figura 3 – Correio da Manhã, 29 de dezembro de 1955



Figura 4 – Jornal A Noite 28 de dezembro de 1955

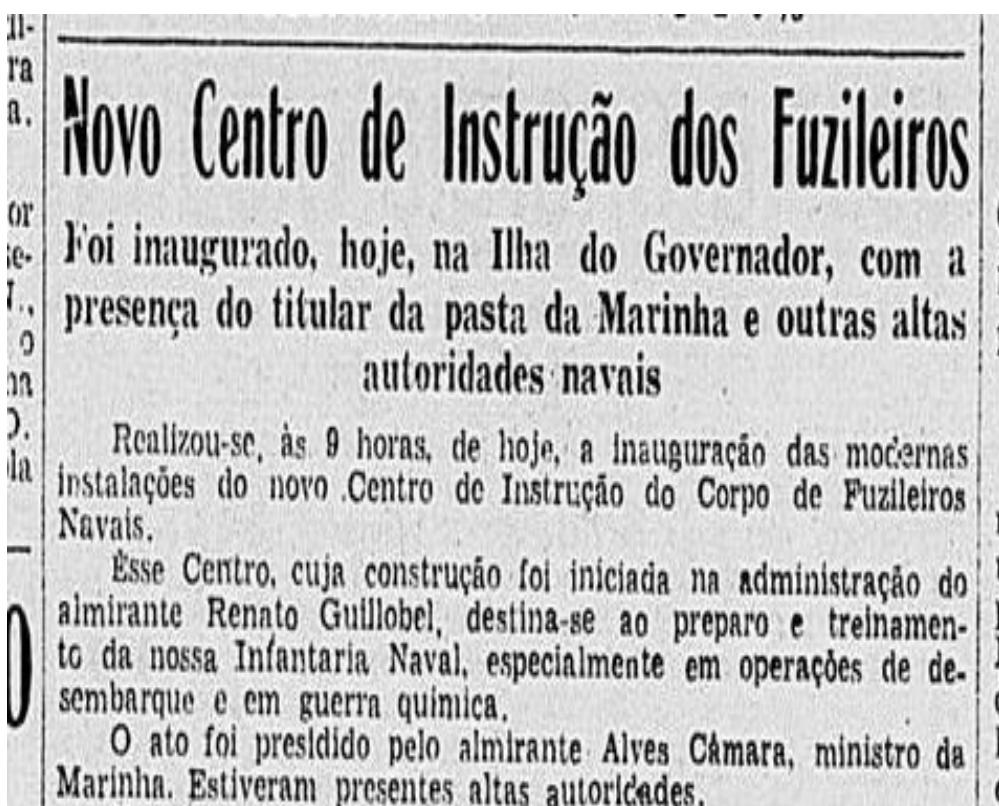


Figura 5 – Jornal do Comércio 28 de dezembro de 1955



Figura 6 – Correio da Manhã, 29 de dezembro de 1955



Figura 7 – Almirante Sylvio de Camargo no dia da inauguração do CICFN

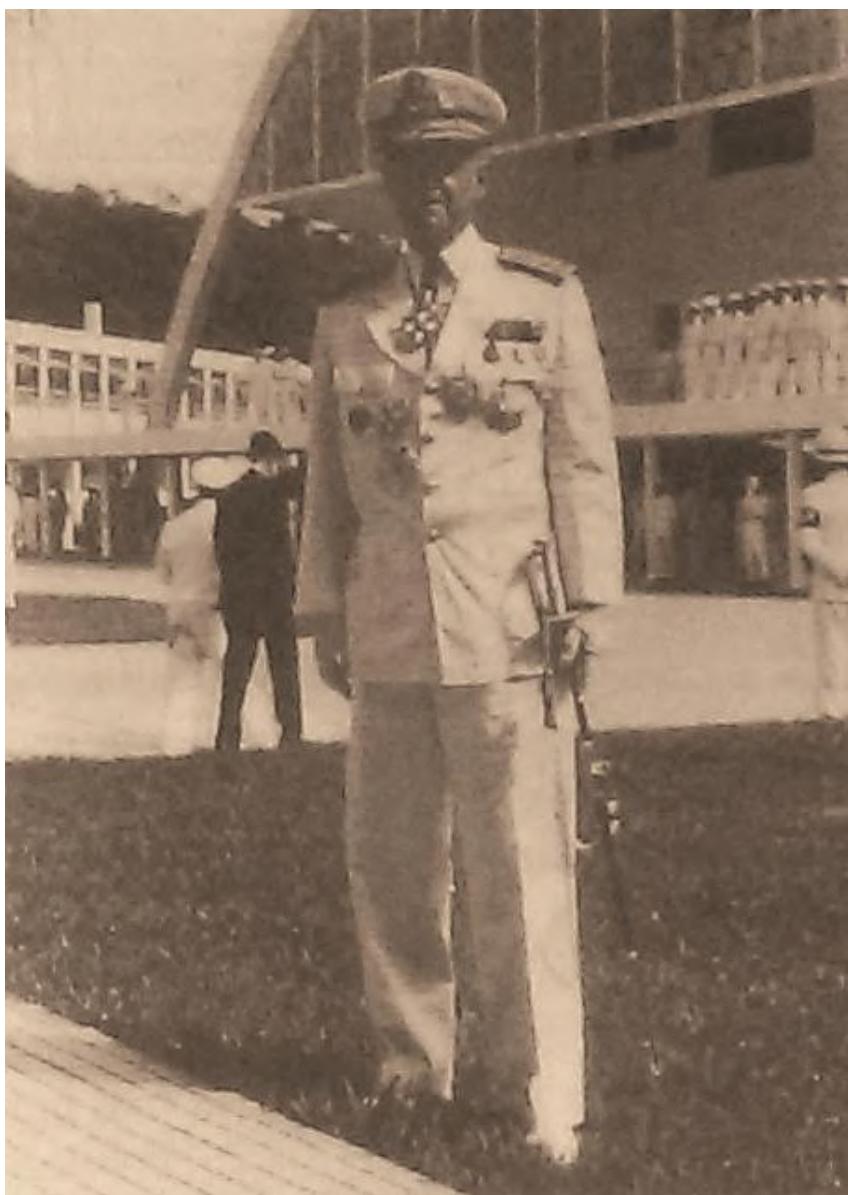


Figura 8 – O Anfíbio 1956

O ANFÍBIO

A Inauguração do Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais

HOMENAGEM AO ALTO. CAMARGO

Não se deu a inauguração do Centro de Instrução sob o espírito que seria justo desejado, de alegrias e de festas. Para os fuzileiros o ambiente era de tristeza, pois o homenageado Geral.

Foram recebidas as autoridades que seria justo desejado, de alegrias e de festas. Para os fuzileiros o ambiente era de tristeza, pois o homenageado Geral.

mandante Geral.

Foram recebidas as autoridades que seria justo desejado, de alegrias e de festas. Para os fuzileiros o ambiente era de tristeza, pois o homenageado Geral.

Estava formada estranha

da pelos seus oficiais.

S. Excia. desceu. Visivelmente emocionado, no esforço tremendo em que procurava esconder a emoção assumiu o Comando do "Pelotão".

Estava formado estranha

unidade, três Voluntários. Era a simbolização mais perfeita jamais concebida. O Corpo de Fuzileiros Navais, todo, naquele instante, em todos os recantos da Pátria espanhado, estava ali simbolizado, sob a augusta pre-

Cadêncio firme, em porte impiedoso, o pelotão partiu para o altar da Pátria.

De volta, no ponto de partidas.

Pelotão...

Alto!

O pelotão estancou no ter-

A HOMENAGEM

Após a leitura da Ordem do Dia, o hasteamento da Bandeira Nacional. Antes Excia. o Almirante Camargo. Que ele viesse assumir o Comando da Guarda de Honra que prestaria continência porém, um oficial foi a sua Bandeira. Era uma surpresa que lhe fôrava prepara-

Campo da Ilha do Governador

do inicio das obras

rengue e o alto firme ecoou na praça do Centro.

Foi a mais bela homenagem, e também o quadro mais belo de toda a cerimônia.

Autoridades e convidados percorreram as várias instalações do Centro. Para

Placa comemorativa

pelotão. A testa, três Capitães-de-Mar-e-Guerra; ao centro o Comandante Salles empunhando o estandarte do Corpo; a seguir três oficiais de cada piso da hierarquia, três Guardas-Marinhas da Reserva e três Aspirantes F.N. da Escola Na-

sença de seu estandarte, à voz do seu Comandante Geral, para a inauguração do Centro.

"Pelotão a meu Comando! Ombro... Arma!

Ordinário, marche!

A voz grossa e firme, embargada embora pela emo-

O "Pelotão" voltando "à base" após a Continência à Bandeira

valé três sub-oficiais, três Primeiros-Sargentos e assim até os três Recrutas. Por fim, fechando a estranha

cão comandava o Corpo de Fuzileiros Navais no momento em que era inaugurado o Centro de Instrução.

Almirantes, Oficiais, Sargentos e Praças e respectivas convidados houve fartos bufetes.

Centro de Instrução do C. F. N. — Maquete aprovada no concurso de anteprojetos

Figura 9 – O Anfíbio 1956



Já em 1956 foram iniciados no CICFN os Cursos de Formação de Cabos e os Cursos de Formação e Aperfeiçoamento de Sargentos. Foi implementado o Curso Preliminar, antecessor do Curso Avançado de Operações Anfíbias (CAVANF), para a complementação do Aperfeiçoamento de Oficiais, e o Estágio pós-curso da Escola Naval, além de diversos outros cursos de menor duração e estágios, todos ainda sob forte influência da doutrina norte-americana no que se referia às Operações Anfíbias, e do Exército Brasileiro para a realização das Operações Terrestres.

Em 1971, o CICFN teve sua denominação alterada para Centro de Instrução e Adestramento do Corpo de Fuzileiros Navais (CIAdestCFN) e, em 1990, após o falecimento do seu grande mentor e realizador, passou a denominar-se Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC), em uma justa homenagem àquele que dedicou grande parte da sua vida à melhoria do preparo do Fuzileiro Naval e ao aperfeiçoamento da instrução no âmbito do Corpo.

3.3 – Concurso de anteprojeto.

A Diretoria de Engenharia Naval, em 1950, organizou as bases para um concurso de anteprojeto, ao qual concorreram os principais escritórios técnicos de engenharia e arquitetura do país, em número de dezesseis. Foi oferecido um prêmio de Cr\$ 200.000,00 para o primeiro colocado, além de outros prêmios menores para os concorrentes que atenderam às especificações estabelecidas.

A Comissão, presidida pelo Almirante Juvenal Greenhalgh Ferreira Lima, selecionou o projeto apresentado pelos arquitetos Oscar Valdetaro e Carlos Nadalutti. Esses dois arquitetos haviam criado em suas pranchetas edificações que seguiram a concepção modernista dos novos mestres da arquitetura brasileira da época – Oscar Niemeyer e Burle Marx¹⁸. O projeto de arquitetura do Centro de Instrução é considerado até os dias de hoje um primor de concepção, pela ousadia de suas linhas e curvas, pelo uso equilibrado do vidro, da madeira e do concreto. Esse projeto criava uma área construída de 25.000 m², um arruamento com 22.000 m², calçadas e gramados com 16.000 m² (O ANFÍBIO, 2005, Pag.15).

A concorrência para a construção das edificações foi ganha pela Companhia Moraes Rego, ao custo de Cr\$ 29.858.000,00. O contrato foi assinado em 29/01/1951.

¹⁸ Roberto Burle Marx (4 de agosto de 1909 – 4 de junho de 1994) foi um artista plástico brasileiro, renomado internacionalmente ao exercer a profissão de paisagista.

As obras tiveram início em março de 1951, com a primeira fundação do edifício da administração. Antes, em 29 de outubro de 1948, havia sido lançada uma pedra comemorativa, em local hoje pertencente à Base de Fuzileiros Navais da Ilha do Governador. Na realidade, essa pedra assinalava o início das obras de terraplenagem. Em 10/12/1952, foi inaugurada a Linha de Tiro e, em 16/03/1954, a lavanderia.

Figura 10 – Pedra fundamental



Figura 11 – Solenidade do anteprojetos



Figura 12 – Correio da Manhã, 29 de março de 1950

Sob a presidência do almirante de esquadra Sylvio de Noronha, titular da Armada, realizou-se, ontem, a inauguração da Exposição de Anteprojetos de construção do Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais, na Ilha do Governador. Conforme publicamos, a referida Exposição foi precedida de um concurso aberto a todos os técnicos nacionais ou estrangeiros residentes no país e teve o objetivo, não só de estimular a classe de arquitetos, como e especialmente, incentivar a mocidade brasileira às grandes realizações.

No reñido concurso inscreveram-se 16 concorrentes, sendo classificado em primeiro lugar, os arquitetos Roberto Nadalutti e Oscar Valdetaro de Torres e Melo, da firma Ser-

Figura 13 – CICFN 1955



Figura 14 – CICFN 1955 (construção)

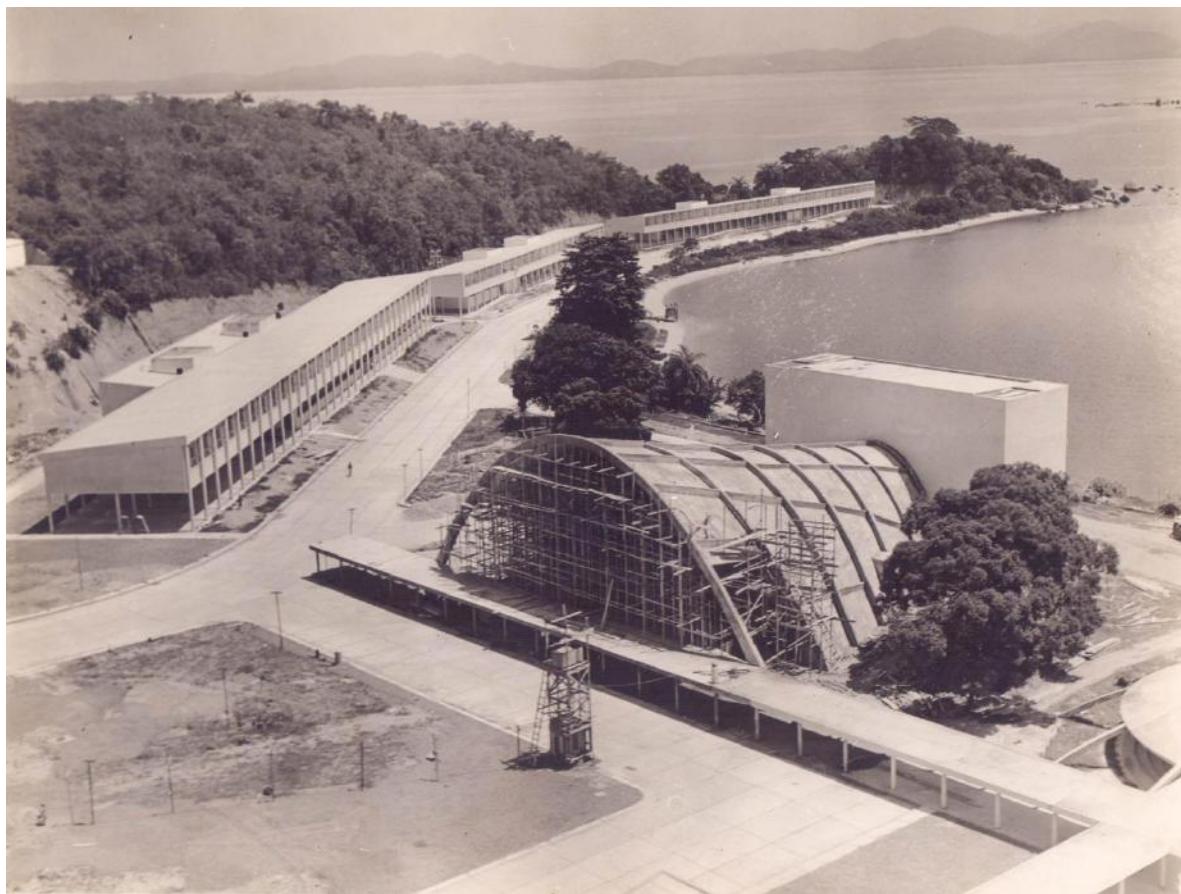


Figura 15 – CICFN 1955 (construção)



Figura 16 – Ilha do Governador – Rio de Janeiro



Figura 17 – Ilha do Governador – Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo



3.4 – A influência norte-americana

Com as operações anfíbias levadas a efeito no decorrer da Segunda Guerra Mundial, no Teatro de Operações do Pacífico, o USMC conseguiu consolidar a doutrina para as operações anfíbias e passou a exercer marcante influência em todos os Corpos de Fuzileiros no âmbito do mundo ocidental.

No caso brasileiro, a influência da Missão Naval Americana (MNA), contratada desde 1922, já se fazia sentir há muito tempo. Presente naquela Missão estava um oficial fuzileiro naval americano.

O Ministro da Marinha assinala, em seu relatório de 1947, que “oficiais norte-americanos, em missão, estiveram em nosso CFN, em 1946, e que essas visitas havia resultado em um projeto de instrução, tendendo à organização básica de uma unidade de desembarque, isenta de qualquer serviço de rotina”. Prosseguindo, afirmava que “ainda depende de solução o projeto aludido”. E mais: no mesmo relatório diz que “há muito se reconhece a impropriedade do local em que sempre se encontraram as instalações do CFN, na Ilha das Cobras. Esse grande e velho inconveniente cessaria se o Governo, utilizando terrenos de Marinha na Ilha do Governador, ali construísse o quartel do Corpo.” Ressalta, a seguir, a importância das operações anfíbias após o término da Segunda Guerra“, esse assunto é de alta relevância, de acordo com os ensinamentos colhidos na última guerra, principalmente no teatro do Pacífico, onde tanto se salientaram os fuzileiros navais americanos”.

Na verdade, no período de 1930 a 1952 houve uma reformulação de atribuições dos diferentes quadros e uma marcante preocupação com o aprimoramento técnico do pessoal em geral e, em especial, dos sargentos numa nítida influência da MNA.

Na década de 1950 (período da Guerra da Coréia) quando ocorrem grandes transformações no CFN, o mundo encontra-se em plena guerra fria e assiste ao enfrentamento ideológico entre as duas superpotências: os EUA e a URSS. É a fase da denominada ‘bipolaridade’ (O ANFÍBIO, 2015, Pag.18).

O Brasil, em 1952, assina o Acordo Militar¹⁸ com os EUA, o qual dá origem ao Programa de Ajuda Militar (*Military Aid Program*). O MAP cria as condições materiais que irão possibilitar ao CFN mobiliar, bem mais tarde, a Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE) com viaturas, armamentos e equipamentos leves e pesados. Abre, no entanto, a imediata oportunidade do envio de Oficiais para freqüentar cursos nas escolas do USMC.

Nessa fase fica bem evidenciada a escolha do CFN pelo modelo norte-americano. Há o desejo de se desatrelar das missões secundárias de segurança e a única saída é a adoção desse modelo doutrinário, embora difícil de implementar dados os parcisos recursos existentes. Ocorre o envio de vários Oficiais aos Estados Unidos. Dentre outros podemos citar: o estágio como observadores dos CC (FN) Alberto Gurgel Salles, CC (FN) Leônidas Telles Ribeiro e do CT (FN) Ney de Souza e Silva, e a ida, em 1949, do CC (FN) Augusto de Moura Diniz, designado pelo Aviso 2.017, de 2/08/1948 para o Curso de Guerra Anfíbia, em Quântico, Virgínia.

Em 1952, o Almirante Sylvio de Camargo visita instalações do USMC acompanhado dos CF(FN) Ney de Souza e Silva, CF (FN) Ivan Rubim Dias Vieira e o CT (FN) Hélio Migueles Leão, seu ajudante de ordens, a convite do General Sheperd¹⁹, mais tarde presidente da JID, quando da posterior visita do Almirante Serejo. Nesse mesmo ano, o CT (FN) Heitor Lopes de Sousa conclui o Curso Primário da Escola de Guerra Anfíbia, em Quântico (O ANFÍBIO, 2015, Pag.19).

18 Acordo assinado em 15 de março de 1952 pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos, chefiados, respectivamente, por Getúlio Vargas e Harry Truman, com o objetivo de garantir a defesa do hemisfério ocidental. Com o título oficial de *Acordo de Assistência Militar entre a República dos Estados Unidos do Brasil e os Estados Unidos da América*, estabeleceu basicamente o fornecimento de material norte-americano para o Exército brasileiro em troca de minerais estratégicos. Foi denunciado em 11 de março de 1977 pelo governo do presidente Ernesto Geisel, deixando de vigorar um ano depois (ACORDO MILITAR BRASIL-EUA (1952), ARAUJO, M. Celina, FGV-CPDOC)

19 O General Lemuel Cornick Shepherd Jr., 20º comandante do Corpo de Fuzileiros Navais (1952-1955), nasceu em 10 de fevereiro de 1896 em Norfolk, Virgínia. Ele se formou no Instituto Militar da Virgínia foi um general de quatro estrelas do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. Veterano da Primeira Guerra Mundial, da Segunda Guerra Mundial e da Guerra da Coreia (<http://www.tecom.usmc.mil> /HD/Whos_Who/Shepherd_LC.htm)

Figura 18 – Visita ao Comandante do USMC em 1952



Figura 19 – Visita ao USMC em 1952



Figura 20 – Visita ao USMC em 1952 (charge)



Em 1955, o CT (FN) Bernardino Coelho Pontes é designado para cursar no Massachusetts Institute of Technology (MIT) um curso especial (Memorando 0643, de 10/05/1955, do Ministro da Marinha).

Todos esses Oficiais, ao terem acesso a manuais de operações anfíbias, criaram a oportunidade de traduzir e introduzir esses textos nos bancos escolares da Escola Naval, quando exerceram a função de instrutores do Departamento de Fuzileiros Navais naquele estabelecimento de ensino. Tem início, dessa forma, a disseminação da doutrina anfíbia.

Outro exemplo de influência americana foi a concepção da Linha de Tiro construída no CIG – com banquetas de tiro nas distâncias de 100, 200, 300, 500 e 600 metros. Essa construção foi orientada pelo Ten Cel J. B. Seibert. Na ocasião, ele conseguiu determinado número de fuzis Garand, para uso nos cursos de tiro. Foi o primeiro fuzil semi-automático usado no Corpo de Fuzileiros Navais.

Figura 21 – Almirante Sylvio de Camargo e o Ten Cel J. B. Seibert na linha de tiro



Na verdade, a influência norte-americana se fez sentir durante muitas décadas. Somente com a experiência colhida em sucessivos exercícios e em face da realidade nacional é que foi possível ao Corpo de Fuzileiros Navais desenvolver pouco a pouco uma estrutura organizacional, apoiada em uma concepção de operação anfíbia coerente com nossos meios, nossos objetivos estratégicos e nossos recursos financeiros, o que ocorreu mais recentemente, no final do século XX.

Em 28 de dezembro de 1955, em singela cerimônia, inaugurava-se o Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais (CICFN), com a presença de autoridades nacionais e estrangeiras, além da primeira turma de Guardas-Marinha, oriunda da Escola Naval, que iria realizar o estágio naquele estabelecimento. Era o Ministro da Marinha, na ocasião, o Almirante de Esquadra Antonio Alves Câmara Júnior.

Estava concretizado o sonho acalentado por um seleto grupo de Oficiais que visualizava um CFN voltado para as lides da guerra anfíbia. Essa idéia fica bem clara nas palavras do então Vice-Almirante Sylvio de Camargo que, em sua mensagem, afirma ser aquele Centro “*a materialização de uma aspiração de todos aqueles que, desde o Comando-Geral, têm responsabilidade pelo preparo dos*

fuzileiros navais, e a preocupação pelo seu desenvolvimento e pelo seu futuro". (O Anfibio 2005, Pag 20).

O dia 28 de dezembro de 1955 é um marco na história do Corpo. Assinala o ponto de inflexão dessa tropa na direção da modernidade e na adoção de um modelo voltado para o cumprimento de missões operativas. Era o elo que faltava para tornar possível o CFN assumir a sua responsabilidade de "desenvolvimento da doutrina, da tática e do material de operações anfíbias", conforme preconizava o seu regulamento de 1950.

Os cursos de formação de cabos e os de formação e aperfeiçoamento de sargentos tiveram início, já em março de 1956, passando a Escola de Operações Anfíbias a ministrar as técnicas individuais no emprego das embarcações de desembarque (EDVP e EDVM), os procedimentos e a vida da tropa a bordo, o uso da rede de transbordo e a falar numa linguagem até então desconhecida, justamente os termos técnicos doutrinários que caracterizavam as fases de uma Operação Anfíbia.

As demais escolas passaram a traduzir e a adaptar manuais americanos, dando origem ao TAT-IF 1²⁰ – o Grupo de Combate, o TAT-IF 2 – Esclarecimento e Patrulhamento, além de alguns outros de liderança, topografia, guerra química e um grande volume de folhas de informação, distribuídos aos alunos. Essa medida era indispensável para cobrir a lacuna existente devido à falta de textos atualizados. Outro aspecto que causava preocupação era a falta de uma padronização de procedimentos operacionais.

No tocante aos cursos destinados à oficialidade ocorreu a implantação gradativa do Curso Preliminar e, após este, do Curso Avançado de Operações Anfíbias, o CAVANF, iniciado em 1966. Esse curso era realizado após a realização do curso da EsAO e cobria uma grave lacuna num aperfeiçoamento com características, puramente, de combate terrestre.

20 Tática de Infantaria I.

Os cursos ora enfocados deram origem aos atuais Curso Especial de Guerra Anfíbia e Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do CFN (CAOCFN), antiga pretensão da Marinha, visando a substituir o destaque dos nossos Oficiais para a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército (EsAO). Era o curso que iria aliar as técnicas do combate terrestre com as técnicas das Operações Anfíbias, permitindo que Oficiais oriundos de seus bancos escolares tivessem uma ampla visão da guerra anfíbia.

Esse progresso, no entanto, não foi aceito com naturalidade por todos. Alguns passaram a criticar a nova mentalidade dominante, no Centro de Instrução, classificando a instrução aí ministrada como eminentemente teórica, fugindo da realidade do CFN. Esses Oficiais denominavam de forma pejorativa o CICFN de “Sorbonne”²¹. Era o confronto entre duas diferentes mentalidades: uma equivocada, voltada para as missões secundárias e simbolizada pelas atividades levadas a efeito na “pedreira”²², e outra, dedicada aos afazeres das Operações Anfíbias, natural vocação dos fuzileiros navais. Tudo, talvez, fruto da ausência de uma clara definição de objetivos pelo escalão superior e de políticas, de grupos que temiam perder poder (O ANFÍBIO, 2015, Pag.20).

Decorridos todos esses anos, hoje em dia, são ministrados nesse centro variados cursos expeditos e especiais para Oficiais e Praças. O Sistema de Jogos Didáticos, usando *software* livre, permite avaliar planejamentos de operações, realizados pelos alunos, em situação bem próxima da realidade.

Enfim, o Centro de Instrução “é uma organização modelar e chave do CFN, na medida que se constitui na grande Universidade dos Fuzileiros, onde todos, Oficiais e Praças, inevitavelmente passam e devem ser caldeados para a uniformização de procedimentos tanto profissionais como de atitude militar” (Ofício 1252, de 03/07/1980. Palestra do CMG (FN) TORRES, G. Augusto para o ComGerCFN).

21 A Sorbonne foi criada como colégio integrante da Universidade de Paris, e destinava-se ao ensino de teologia a estudantes mais pobres. Seu nome é um tributo a Robert de Sorbon, capelão do Rei Luís IX e fundador da escola. Nos dias atuais esse termo pejorativo, não existe mais no CFN em relação ao Centro de Instrução. Curioso saber que a Escola Superior de Guerra (ESG), apelidada de “Sorbonne brasileira” na década de 1960, considerava o termo elogioso, devido a sua influência na política (<http://www.arqanalagoa.ufscar.br/pdf/recortes/R09612.pdf>).

22 Apelido dado a Ilhas das Cobras, onde encontra-se o Comando Geral do CFN e outras Unidades do CFN.

Não podemos nos esquecer que, além dos pontos realçados no tocante à instrução, esse estabelecimento “tem funcionado como um cartão de visita do CFN e da MB, conduzindo, ou sendo palco de grande número de demonstrações e recebendo inúmeras comitivas e visitantes” (Lorde do Almirantado da Inglaterra, Escola Naval, EGN, EsCEME, EsAO, ESG etc), (REIS, Paulo de Oliveira, CMG (FN). Palestra para Oficiais do Comando-Geral do CFN).

Enfim, podemos concluir que o Centro de Instrução foi um dos responsáveis pela disseminação da doutrina anfíbia no âmbito do CFN, mas, antes de tudo, um instrumento de consolidação de uma mentalidade profissional, hoje dominante em todos os escalões

3.5 – Os Comandantes

Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais (CICFN)

CMG (FN) Décio Santos de Bustamante	29/04/1955 a 23/02/1956
CF (FN) Fineas Alves Carneiro (Interino)	23/02/1956 a 27/03/1956
CMG (FN) Augusto de Moura Diniz	27/03/1956 a 07/07/1960
CMG (FN) Luiz Phelippe Sinay	07/07/1960 a 28/02/1961
CMG (FN) Heitor Lopes de Sousa	28/02/1961 a 04/01/1962
CMG (FN) Luiz Phelippe Sinay	04/01/1962 a 06/01/1964
CF (FN) Duilio de Araujo Cid (Interino)	06/01/1964 a 23/01/1964
CMG(FN) Orlando Pol	23/01/1964 a 01/04/1964
CMG (FN) Roberval Pizarro Marques	01/04/1964 a 05/01/1966
CMG (FN) Mário Corrêa Souza Costa	05/01/1966 a 01/12/1966
CF (FN) Miguel Laginestra (Interino)	01/12/1966 a 01/02/1967
CMG (FN) Paulo Gonçalves Paiva	01/02/1967 a 20/08/1968
CMG (FN) Benjamin Tissenbaum	20/08/1968 a 04/06/1971
CMG (FN) Carlos de Albuquerque	04/06/1968 a 24/12/1971

Centro de Instrução e Adestramento do CFN (CIAdestCFN)

CMG (FN) Carlos de Albuquerque 24/12/1971 a 11/12/1974
CF (FN) Paulo Roberto de Mattos Reis 11/12/1974 a 19/02/1975
CMG (FN) Antonio Rodrigues Lopes 19/02/1975 a 22/04/1976
CF (FN) Oscar Montez de Almeida (Interino) 22/04/1976 a 04/06/1976
CMG (FN) Paulo de Oliveira Reis 04/06/1976 a 02/03/1978
CMG (FN) Tarcísio Bonifácio Ribeiro de Andrada 02/03/1978 a 09/04/1980
CMG (FN) Gilberto Augusto Torres 09/04/1980 a 10/10/1980
CMG (FN) Roberto Magalhães Sanches 10/10/1980 a 07/05/1982
CMG (FN) Ivo José Pereira Werneck 07/05/1982 a 21/01/1983
CMG (FN) Vicente Celso Evangelista 21/01/1983 a 11/04/1984
CMG (FN) Sérgio Moreira Peixoto 11/04/1984 a 12/06/1985
CAlte (FN) Luiz Carlos da Silva Cantídio 12/06/1985 a 10/12/1986
CMG (FN) Sebastião Batistuta (Interino) 10/12/1986 a 15/04/1987
CAlte (FN) Valdir Bastos Ponte 15/04/1987 a 20/02/1989
CMG (FN) Sérgio Treitler (Interino) 20/02/1989 a 26/04/1989
CAlte (FN) Edésio Campanille Neves Araripe 26/04/1989 a 09/01/1990

Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo (CIASC)

CAlte (FN) Edésio Campanille Neves Araripe 09/01/1990 a 15/02/1991
CAlte (FN) Sérgio Treitler 15/02/1991 a 18/02/1993
CAlte (FN) Sérgio Serpa Santos 18/02/1993 a 10/08/1993
CAlte (FN) Moacyr Monteiro Baptista 10/08/1993 a 03/02/1994
CAlte (FN) Carlos Augusto Costa 03/02/1994 a 10/08/1995
CAlte (FN) Marcelo Gaya Cardoso Tosta 10/08/1995 a 13/03/1997
CMG (FN) Wagner Junqueira de Souza 13/03/1997 a 11/02/1999
CMG (FN) José Cláudio da Costa Oliveira 11/02/1999 a 17/02/2000
CAlte (FN) Nelson Américo Leite 17/02/2000 a 08/02/2001
CAlte (FN) Álvaro Augusto Dias Monteiro 08/02/2001 a 27/03/2001
CMG (FN) Jorge Mendes Bentinho 27/03/2001 a 14/03/2003
CMG (FN) Ricardo Luiz Ribeiro de Araújo Cid 14/03/2003 a 27/10/2004
CMG (FN) Fernando Irineu de Souza 27/10/2004 a 12/03/2007
CMG (FN) José Cimar Rodrigues Pinto.....12/03/2007 a 11/04/2008
CAlte (FN) Alexandre José Barreto de Mattos.....11/04/2008 a 16/12/2010

CAlte (FN) Nélio de Almeida.....	16/12/2010 a 13/02/2014
CAlte (FN) Cesar Lopes Loureiro.....	13/02/2014 a 18/03/2016
CAlte (FN) Luiz Artur Rodrigues Nunes.....	18/03/2016 a 13/04/2017
CAlte (FN) Carlos Chagas Vianna Braga.....	13/04/2017 a 20/12/2018
CAlte (FN) Renato Rangel Ferreira.....	20/12/2018 Comandante atual

4. Conclusão

Nos 211 anos de existência do Corpo de Fuzileiros Navais, o período de 1945 á 1956, período este, comandado pelo Almirante Sylvio de Camargo, foi o que mais impactou o CFN no que diz respeito a sua missão principal, que é a Operação Anfíbia. Por se tratar de um a operação altamente complexa e difícil de ser executada, faz-se necessário um Centro de Instrução capaz de dar todas as condições para adestramento e capacitação proficional. O Historiador Stephen E. Ambrose no livro O Dia D, descreve as dificuldades inerentes a esse tipo de operação:

As operações anfíbias são inherentemente as mais complicadas na guerra; poucas alcançaram êxito. Júlio César e Guilherme, o Conquistador, tinham-no conseguido, mas quase todas as outras invasões tentadas contra uma oposição organizada fracassaram. Napoleão não tivera condição de cruzar o Canal da Mancha, nem Hitler. Os mongóis foram derrotados pelo tempo quando tentaram invadir o Japão, como o foram os espanhóis quando tentaram invadir a Inglaterra. Os britânicos foram frustrados na Criméia no século dezenove e derrotados em Galipoli na Primeira Guerra Mundial. (Ambrose, Estephen E , 1994, P. 43)

Hoje o Centro de Instrução Almirante Silvio de Camargo executa e coordena diversos cursos e estágios voltados para especialização e aperfeiçoamento dos militares do Corpo de Fuzileiros Navais. Todos os Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil, sejam eles oficiais ou praças, passam por este centro em algum momento de sua carreira. Em 2017, o total de 3103 militares passaram pelos bancos escolares deste Centro como alunos dos 11 cursos de aperfeiçoamento, 09 cursos de especialização, 12 cursos especiais, 02 cursos de formação, 07 cursos expeditos e 24 estágios. Além destes, outros 541 militares foram alunos nos 28 cursos e estágios ministrados em várias Organizações Militares do Corpo de Fuzileiros Navais sob a coordenação deste Centro. (Revista Espírito de Corpo, Ano IV, N°2, 2018)

A atuação do Almirante Sylvio de Camargo, não se limitou apenas ao adestramento. Mudanças no regulamento do CFN realizadas por ele, e o bom relacionamento com o alto Comando da Marinha do Brasil, tornou possível grandes investimentos em meios de transporte de tropa, bem como a criação de unidades operativas voltadas às operações anfíbias. No âmbito do CFN, foram fornecidas todas as condições para ser criada a Força de Fuzileiros da Esquadra, que tem como missão coordenar a área operativa do Corpo de Fuzileiros navais.

O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961) assinou o Decreto nº 40.862 de 06 de fevereiro de 1957, criando a Força de Fuzileiros da Esquadra e em 22 de abril daquele ano era assinado o Decreto nº 41.352, que determinava que a FFE seria composta pelo Núcleo da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, pela Tropa de Reforço e por um Comando de Serviço. Em seu parágrafo segundo estabelecia que o Comando da Força, seria exercido pelo Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais

No final da década de 1940, o mundo ainda vivia sob os reflexos da euforia pela vitória das forças aliadas na Segunda Guerra Mundial, com destaque para as ações dos fuzileiros Navais norte-americanos , com seus desembarques nas ilhas do pacífico e o assalto anfíbio de proporções nunca vistas, realizadas nas praias da Normandia, operações essas que serviram ao propósito de apresentar a doutrina anfíbia que, em breve, passaria a servir de farol para a atuação, no Brasil, da Força que estava a ser criada. (Revista da FFE 60 anos - 2017).

Para finalizar, o Almirante Sylvio de Camargo em seus trinta e sete anos de carreira militar, promoveu profundas mudanças no Corpo de Fuzileiros Navais, principalmente durante seus 11 anos como Comandante-Geral (1945-1956). Transformou uma tropa que tinha como missão principal prover guarda em estabelecimentos navais em uma tropa de pronto emprego, capaz de executar operações anfíbias complexas em qualquer parte do mundo e território nacional.

6. Referências

AMBROSE, Stephen E. **O Dia D, 6 de junho de 1944; a batalha culminante da Segunda Grande Guerra** – 7^a edição – Rio de Janeiro ; Bertrand Brasil, 2007.

BIELINSKI, Alba Carneiro, “**Os Fuzileiros Navais na História do Brasil**”, 1^a edição - Rio de Janeiro, Agência 2A Comunicações.

COSTA, Carlos Augusto, “**Fuzileiros Navais: Da praia de Caienas às ruas do Haiti**”. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação da Marinha-2016.

CADERNETA REGISTRO (CR) do **Almirante Sylvio de Camargo**, que descreve toda sua carreira militar.

TRANSCRIÇÃO DO DEPOIMENTO do **Almirante Sylvio de Camargo**, prestado ao serviço de documentação geral da marinha (SDM), em 19/05/1975.

ESPÍRITO DE CORPO, Ano II, n° 2 **Revista do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo**, Rio de Janeiro, 2016.

ESPÍRITO DE CORPO, Ano III, n° 1 **Revista do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo**, Rio de Janeiro, 2017

ESPÍRITO DE CORPO, Ano IV, n° 2 **Revista do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo**, Rio de Janeiro, 2018.

KENNEDY, Paul, “**A conquista do Pacífico,1943-1945**”, Rio de Janeiro, Editora Rennes Ltda., 1978.

NOTANF, **Notícias e eventos do Corpo de Fuzileiros Navais**, out/nov/dez/2015

O ANFÍBIO, Ano XVIII, n° 17, **Revista do Corpo de Fuzileiros Navais**, Rio de Janeiro, 1998.

O ANFÍBIO, Ano XXV, n° 24 **Revista do Corpo de Fuzileiros Navais**, Rio de Janeiro, 2005.

O ANFÍBIO, **Revista do Corpo de Fuzileiros Navais**, V37, Rio de Janeiro, 2017.

REVISTA DA FFE, **A força que vem do mar, completa 50 anos**, 2007.

REVISTA DA FFE, **A força que vem do mar, completa 60 anos**, 2017.

RIBEIRO, Luciano R. Melo, **Corpo de Fuzileiros Navais: Combatentes anfíbios do Brasil** – Rio de Janeiro, Action Ed., 2007.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira, “**A evolução do pensamento estratégico naval brasileiro**”, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exercito, 1985.